

O HILÁRIO E O VALÉRIO DO DISCURSO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA LINGUÍSTICA E DA PSICANÁLISE SOBRE UM CASO CLÍNICO DE PSICOSE.

Paulo Henrique Yaekashi*

“Havia uma tempestade em nossa atmosfera, a natureza que somos escureceu - *pois não havia caminho para nós*. Fórmula de nossa felicidade: um sim, um não, uma linha reta, uma meta...”

(O Anticristo - Friedrich Nietzsche)

Furiosos, insensatos, devassos, libertinos, frenéticos, sodomitas, débeis, lunáticos, dementes, alienados, excluídos: loucos. A loucura, ao longo da história, foi ganhando uma porção de nomes que ao mesmo tempo em que a designa, estabelece também um lugar social, determinando, assim, toda uma série de condutas.

Ao iniciar este trabalho, uma pergunta serviu de referência: há psicose na linguagem? Sabemos que há linguagem na psicose, uma vez que o louco também é um ser que fala, mas e se invertêssemos a ordem das palavras? Conforme avançávamos na pesquisa tal questão foi ganhando outros sentidos. O discurso do louco, uma vez atestada sua loucura, não pode mais indicar a verdade, não é capaz de assumir-se

como testemunho, não pode consagrar sua fé, autenticar documentos, criar e manter laços sociais. Será, antes, relegada a um código específico que definirá um prognóstico e com isso toda uma série de ações. Mas, o que há de errado com as palavras ditas na loucura? O que realmente elas dizem? Estaria seu discurso tão prejudicado a tal ponto de não haver mais concordâncias? Não é capaz de fazer sintaxes? Não há em seu discurso a linearidade e arbitrariedade do signo? Devemos ter uma certa cautela em responder tais questões. Pois, se a incoerência do dito da loucura, não está em suas palavras, para que servem então as anamneses? Se a loucura pode pronunciar a equação *sujeito + verbo + objeto*, a frase “estou organizando minha vida”, não encerra em si mesma uma falta de razão. Correto? Ora, mas isto não nos levaria para uma questão com a interpretação?

De acordo com Nasio (2001:11), aquilo que chamamos de *caso clínico* se trata de uma observação escrita cujo interesse particular do analista leva-o a um intercâmbio de sua experiência, um estilo narrativo de dirigir a palavra colocando em cena uma situação clínica que ilustra uma elaboração teórica. Assim foram as vozes sexuais de Dora, a garganta apertada de Katharina, as repetições do homem dos ratos, ou os sonhos do outro, e ainda as investidas de Anna. Tais casos devido ao seu caráter lúdico em promover o diálogo

com as teorias carecem de uma atenção maior do analista. Clamam, além da escuta, uma palavra a mais que se dirige à construção do saber. Protegidos por uma letra, um pseudônimo ou um substantivo que seja, são casos onde o terapeuta se sente como que em débito com seus colegas de profissão por não terem tido a oportunidade de atender tais pacientes.

Assim é este caso trazido agora para análise. Um caso de psicose, para evitar maiores delongas. Um caso que se fez marcar por suas diferenças, por sua singularidade, por seu dizer desconectado de uma realidade que até então, habitávamos. Vale dizer que o atendimento já surgiu como possibilidade de construção, pois nasce em meio à informalidade dos grupos de estudos e cartéis lacanianos que fazíamos semanalmente na universidade, e também fora dela. O presente trabalho possui como proposta inicial analisar através de diferentes pontos de vista, um caso clínico de psicose atendido entre os anos de 2004 e 2008, mais especificamente, pretende-se analisar as cartas enviadas pela paciente ao analista durante os anos de 2004 e 2005. Cartas que na época foram a estratégia encontrada para manter a relação transferencial entre paciente e analista, relatos que já haviam sido ditos nas sessões, desabaços de

novas situações, desencontros e (re)ajustes, um monólogo da paciente que estabelecia o diálogo com um Outro. Retornando nove anos depois de darmos os primeiros passos, se formaliza agora enquanto material para nossa monografia.

Ainda é nítida a impressão sobre este caso clínico. Comentávamos no grupo de estudos que a paciente devia estar lendo livros e mais livros de psicanálise. E, pior! Devia estar lendo exatamente o que estávamos lendo. Por vezes, acreditava que o atendimento que fazíamos não passava de um jogo, uma brincadeira de mau gosto, uma situação hilária. Se, por exemplo, debatíamos sobre a leitura acerca da metáfora do Nome-do-Pai e suas implicações no quadro de pessoas com estruturas psicóticas, em uma ou duas sessões seguintes, no máximo, a paciente descrevia exatamente tal função intrincada em suas histórias através de seus relatos.

O cômico e a validade (articulados como *hilário* e *valério*), vão se reunir nesta trama através de um personagem específico, fixados via discurso, justamente com o significante usado para designar o analista, ou seja, seu próprio nome, seu nome próprio. Não apenas isso, mas também articulam com a validade de cada palavra dita, pronunciada, escrita, mesmo que de forma controversa ou inconclusa. “Estranha relação é a que temos com as palavras”, dizia Saramago (2008:77). Tanto podemos usá-las mesmo que perdidas ou

mal ditas, mas que ainda assim capazes de revelar o fio da meada das coisas. Sendo representantes das coisas, e desta maneira, duplicatas, não se tornariam assim outras coisas que não mais a coisa representada? As palavras reservam em si o poder de validar ou anular, de verbalizar o sujeito, não porque predica o verbo, mas especialmente porque revela o ser. Para tanto, é preciso uma escuta. Não qualquer uma, a do senso comum, talvez a analítica do analista.

Segundo Lacan (2002:284), se o neurótico habita a linguagem, o psicótico por outro lado é habitado, possuído, por esta. A questão que se coloca a respeito das psicoses, situa-se exatamente no que diz respeito ao processo da comunicação quando, justamente, este mesmo processo não chega a ser constitutivo para o sujeito (LACAN, 1999:151). De acordo com Orlandi (2012:09), não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Isso tanto para a neurose quanto para a psicose. Porém, quando o dizer é delirante o que se toma como ausente é a própria razão. Para Foucault (2006:19), dos três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade, é este terceiro que mais se retoma. Na atual sociedade, a verdade se veste da própria verdade para fazer valer sua hegemonia.

Controla e autoriza quem pode dizer e o que deve ser dito. Isola os dizeres para depois tratá-los sob o designo de uma conduta, por vezes, higienista. Surgem as patologias.

A loucura foi ao longo dos tempos administrada de diversas formas até que a medicina a reivindicasse como pertencendo à ausência de saúde. Através da óptica foucaultiana (2004) e a história da loucura, analisamos em meio aos dizeres das petições, dos documentos, relatórios, das *lettres de cachet*¹, sobre certos desafortunados, desviantes de certa conduta, que encerram neste discurso sua própria sorte e, ainda, como a loucura foi se moldando nas suas relações com o poder. Seguiremos este percurso do louco até o momento em que encontra hospitalidade dentro dos muros dos hospitais. São nestes mesmos muros que a medida do saneamento vai justificar o isolamento da loucura. Com a chegada da figura do médico nos Hospitais Gerais, o avanço da medicina põe em jogo as condutas do homem social, preparando uma patologia dualista, em termos de normal e anormal, sadio e mórbido. Através dos manuais (KAPLAN, 1998) e códigos de classificações (OMS, 2003), examinaremos como a loucura é medida, como é fatiada em tipos e subtipos, com relação às suas manifestações, (neuro)transmissões, de acordo com as mínimas indicações de desvios da conduta vigente enquanto saúde.

A questão da compreensão, comum na visão psiquiátrica da patologia, não se detém na psicanálise. “Se compreendo, eu passo, não me detenho nisso, visto que já compreendi”, eis o que nos diz Lacan (2002:60). A compreensão nesta perspectiva é entrar no jogo do paciente colaborando com sua resistência. “A resistência do paciente é sempre a de vocês, e quando uma resistência é bem-sucedida, é porque vocês estão dentro até o pescoço, porque vocês estão compreendendo”, reforça o autor. Se a psicose, sob o olhar psicanalítico, não segue uma perspectiva conteudista, como fica então o louco e sua loucura? Quais os percursos que segue ao lado das neuroses e das perversões? Como se entende o inconsciente a partir da psicose? E mais, qual é a clínica do louco?

Para Leclaire (1991:82) a conceitualização da experiência clínica só pode ser um fim em si mesma, na medida em que seja capaz de permanecer aberta ao movimento dialético que promove. Neste sentido, convidamos para este diálogo as muitas contribuições da linguística. Em especial, a busca pela essência da linguagem, suas funções e articulações pronunciadas por Jakobson (1989), as relações sintagmáticas e paradigmáticas propostas por Saussure (2006), a análise de discurso conforme propõe Orlandi (2012) e ainda Foucault (2006; 1992).

Não há discurso sem sujeito, da mesma forma em que não há sujeito sem ideologia, o indivíduo é sempre interpe-lado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua adquire sentidos. De acordo com Orlandi (2012:73), há na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, projeto que o converte em autor. O autor é o lugar em que se realiza esse projeto totalizante, lugar em que se constrói a unidade do sujeito. O sujeito se constitui como autor ao constituir o texto em unidade, com sua coerência e completude. A clínica das psicoses, entendida aqui como uma vicissitu-de do sujeito - na medida em que este sujeito não passa de um efeito da linguagem (SOLER, 2007:194) - vai ouvir no delírio a articulação que o sujeito realiza com o Outro fazendo retornar no real o que ficou de fora do simbólico (LACAN, 2002:22), desta vez simbolizando-o. Mas, afinal, até onde queremos ir com este trabalho? Ofereceremos nos-sas conclusões, com certeza, pois assim mandam as normas, entretanto gostaríamos de convidar o leitor para que tire suas próprias conclusões. Retomamos a provocação de Lacan (2002:62) em seu seminário sobre as psicoses:

Ou nos contentamos em dizer para nós mesmos - *Aí está, ela alucinou*. Ou tentamos - o que pode parecer uma empresa insensata, mas não é papel dos psicanalistas até o presente terem se entregado a empresas insensatas? - ir um pouquinho mais longe (grifos do autor).

Notas

* Paulo Henrique Yaekashi. Formado em Psicologia pela Universidade Bandeirante de São Paulo em 2005. cursando Especialização em Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura, pela COGEAE/PUC-SP. Membro-fundador do Instituto Langage. Atualmente, é responsável pelas oficinas de Pensamento Crítico e de Informática na Associação Civil Anima.

Referências

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Trad. de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 3 ed. Lisboa: Editora Vega - Passagens, 1992.

_____. História da loucura na idade clássica. 7ª ed., trad. de José Teixeira Coelho Netto. Coleção Estudos, dirigida por J. Guinsbrug. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

_____. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Leituras Filosóficas, 13 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. 10ª ed., trad. e org. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

KAPLAN, Harold I. Manual de psiquiatria clínica / Harold I. Kaplan e Benjamin J. Sadock; trad. Dayse Batista, 2 ed.. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LACAN. Jacques. O seminário, livro 3: as psicoses, 1955-1956/ Jaques Lacan; texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; [versão brasileira de Aluisio Menezes]. 2.ed. revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente, 1957-1958/Jaques Lacan; texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LECLAIRE, Serge. Em busca dos princípios para uma psicoterapia das psicoses. In: *Psicose: uma leitura psicanalítica/ Chaim S. Katz*. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Escuta, 1991.

NASIO. Juan-David. Os grandes casos de psicose. Colaboração de Annie-Marguerite Arcangioli...[et al.]. Trad. De Vera Ribeiro; revisão técnica de Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

OMS (Organização Mundial de Saúde). CID-10; trad. Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português, 9 ed. rev.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10 ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

SARAMAGO, José. *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*; organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOLER, Collete. *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Trad. de Vera Ribeiro; consultoria de Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007.